AVEIRO, 15 DE ABRIL DE 1977 — ANO XXIII — NÚMERO 1156

Litoral

SEMANÁRIO

PREÇO AVULSO — 4$00

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e Impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

DEUS e o MAL

CRUZ MALPIQUE

O hábito é uma segunda natureza. Conhecida a lenda de Ashaverus, o judeu condenado, por Deus, a nunca mais parar, nas suas andanças, noite e dia, sem ter abrigo onde pudesse deitar a cabeça, para dormir um pouco e descansar outro tanto.

Até que, certo dia, Deus reconsiderando na crueldade da sua sentença, disse àquele a quem condenara:

— Pára! O teu tormento eu to dou por terminado. Aqui tens terra onde possas descansar, travesseiro onde possas deitar a tua cabeça.

O homem errabundo, vagabundo e trota-mundos, ouviu, sorriu, e respondeu:

— Obrigado! Perdi o sono. As minhas pernas, de tanto terem andado, perderam a capacidade de estar paradas. Continuo viagem, até à consumação dos séculos!

Se eu mereci o castigo que me aplicaste, devo sofrê-lo, e sofrê-lo nos termos em que o decretaste. Deus, em sua infinita sapiência, nunca se engana. Não faz sentido que, neste momento, dê parte de fraco, emendando o seu erro, e o seu mal.

Deus não pode querer o mal, porque é infinitamente bom. O mal não poderia resistir ao poder de Deus, porque Deus é infinitamente poderoso. O mal não existe sem conhecimento de Deus, porque Deus é infinitamente inteligente, nada acontecendo de que ele não tenha conhecimento.

E, então, por que existe o mal, no mundo? Eu, homem errante, que por Ti fui castigado a caminhar, sempre e sem fim, a Ti tenho a coragem de dizer, esperando resposta condigna dos meus argumentos:

— Ou Deus pode acabar com o mal no mundo e não quer, e é caso para perguntarmos onde está a sua infinita Bondade? Ou quer, e

Continua na página 3

NÃO ACONTECEU... COM O MENDES LEAL

ARAÚJO E SÁ

ALGURES, cá na cidade, topei o Mendes Leal. «Se bem me lembro» — como diria Vitorino Nemésio, na Televisão — topámo-nos um ao outro, por mero acaso, para as bandas das Cinco Bicas. E «retornamos», pois badalavam as doze, ao restaurante de um retornado, que por ali fica. Desta vez, para uma chanfana avinhada bairradinamente. Da outra, havia sido para uma piripizada caldeirada de cabrito, à moda castiça do mato angolano. «Financiou», benemeritamente, ambos os repastos «afro-europeus» o Jaime, que vende mobílias, arranjos de flores artificiais, espelhos, maples, loiças decorativas, carpetes, alcatifas, candeeiros, tapetes e quadros com aristocráticos tipos de bengala e chapéu alto, ou então com jovens, despidas ou por vestir, insignificante pormenor de indumentária — ou de falta de indumentária — que não cria problema de escolha à farta clientela, devota do nu ou do despido, que entende, e muito bem, que se anda em maré nacional de «pouca roupa». Aliás, findaram os tempos em que se punha cartola ou se colocava monóculo para os mais ínfimos e caseiros trabalhos, e os generais vestiam farda de gala e ostentavam condecorações para ouvir piano. «Financiou», repito, o Jaime das tais jovens nuas ou despidas. (Subentenda-se quadros!). E não perdeu nada com isso, pois ficou a conhecer, por dentro e por fora, Napoleão Bonaparte, não fosse este da intimidade do

Continua na página 3

Peço a palavra!

VAMOS EVITAR A DROGA...?!

JOÃO SOARES

Quem é que, no auge da sua juventude, não tem uma paixoneta, que, muitas vezes, é vivida com grande fervor e intensidade e que custa na grande maioria dos casos enormes, e até incontroláveis, sacrifícios?

Tal paixoneta (caso geral!) depressa se transforma em facto consumado, tendo como principal causa a falta de contactos humanos e sociais que se verifica nos jovens de hoje.

Então surge o inconformismo desmedido; e uma tremenda luta se trava na mente do «jovem desiludido» que tenta por todos os meios arranjar formas para conseguir finalmente captar o amor sincero e leal do jovem do sexo oposto que ama verdadeiramente.

Mas quando verifica que mais uma vez foi mal sucedido, decide-se a tomar uma resolução final e definitiva. Tal decisão é, quase sempre, drástica e tem um fim (infeliz) que se pressente muito

Continua na página 3

Crónicas Alegres

O LIVRO E O JORNAL POST-25 DE ABRIL

JORGE MENDES LEAL

O apagamento forçado da nossa literatura, como o colete de forças imposto à Imprensa, tornaram-se modorrentas constantes dos tempos negros da ditadura. E Zózimo, como nós, como o meu senhorio e o meu padeiro, como toda a mísera gente deste país à beira-mar disposto, a isso nos habituámos de forma um tanto bovina, mas apesar de tudo inevitável. Como dizia Ramalho, nas «Farpas», em Janeiro de 1872, «há cerca de dois séculos que nós, os lusos, damos ao mundo enganador o espectáculo de não fazer coisa alguma /.../ Deus de Afonso Henriques, como somos valentes e temíveis! Oh Camões, oh Albuquerque, oh Castro, oh Barros e Cunha, oh Melício! Como somos fortes!». O omnisciente Oliveira Salazar ensinou-nos a tudo deglutir em silêncio até ao patriótico enjôo, mas, agora — afirma Zózimo — o omnicolor Mário Soares, através do seu impúdico Secretariado da Comunicação Social, induz-nos melifluamente a tudo escrever, a tudo ler, a tudo digerir. Desde a pornografia ao ensaio filosófico ou afim, das coxas da Raquel Welch ao límpido materialismo dialéctico da dupla Marx-Engels. Dos pasquins direitaços aos pasquins esquerdulhos. De súbito, uma abúlica multidão sequiosa de escrever e sôfrega de leituras, arrimou-se a comprar avidamente dezoito jornalecos por dia e sete ou oito livrinhos onde tudo, eruditamente, se comenta, disseca e questiona, de Baku-

Continua na página 3

Encontro entre

AMIGOS DE INFÂNCIA

RUI SANTOS

O sol, quase que desaparecera, por entre as núvens, dando, ao cair da tarde, a cor cinzenta da modorra, à hora habitual, as sereias das fábricas fizeram-se ouvir, dando por concluído mais um dia de trabalho.

Num instante, as ruas da vila apresentam o movimento normal no quotidiano de labuta. Uns, regressam aos lares; outros, ficam-se pelos cafés, bares ou tascas, a comentar o seu dia-a-dia, ou a ler as últimas; outros, ainda, fazem compras, especialmente de produtos agrícolas, dado que estamos na altura das sementeiras, e o palmito de terra herdado dos pais, ou adquirido à custa de muitos safricícios, é para se fazer. As mulheres, aviam-se nos supermercados, já que durante o dia dão o seu melhor, tanto na oficina, como no escritório, em troco (na maioria dos casos) de uns magros escudos, que dêem para o equilíbrio do orçamento familiar.

Numa das artérias mais movimentadas, e por casualidade junto à montra de uma botique, Manuel, Clara e Fonseca encontram-se com ideias totalmente diferentes.

— Não há olhos que vos vejam — exclamou o «Mané».

Quase que unanimemente, o casal Clara e Fonseca ripostou:

— Ora!... Ora!... Então, que é feito de ti?

— Como sempre — respondeu o Mané — casa trabalho, trabalho ou café ou clube. E vós?

— Bem, parece que não nos conheces?

— Entretanto, sempre te digo — continuava a Clara — que nós quase que não temos tempo para visitar os nossos parentes. Se não, vejamos: às 7 horas saímos de casa para a fábrica, as crianças ficam com a mãe do Fonseca durante o dia, visto que, só perto das 19 horas é que voltamos ao lar. Assim, facilmente compreenderás, que nós — gente de trabalho — não temos quase que tempo disponível para andarmos pelos cafés como tu. Além disso, tu és industrial e, portanto, dás outras perspectivas de vida à tua mulher, já que somente o teu vencimento chega para o sustento da casa. Efei-

Continua na página 3

II SALÃO IBÉRICO DE ARTE FOTOGRÁFICA

Amanhã, sábado, 16, às 21.30 horas, será a abertura, no Salão Cultural do Município aveirense, da exposição dos trabalhos respeitantes ao II SALÃO IBÉRICO e ao V SALÃO NACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA promovidos pela Secção de Fotografia e Cinema de Amadores do Clube dos Galitos que, conforme oportunamente noticiámos, retomou o normal ritmo das suas actividades, após um interregno de cerca de seis anos.

Dos 452 trabalhos recebidos pela organização,

Continua na página 3

EM AVEIRO - *de 16 a 25 de Abril*

AMADEU DE SOUSA

SE... (... Graças a Kipling)

SE o Governo procedesse à valorização rápida do porto de mar, e à construção dos acessos, para benefício da região aveirense e da própria economia nacional;

SE a construção da apregoada estrada Aveiro - Murtosa se efectuasse, pela incomensurável riqueza agro-pecuária que tal empreendimento motivaria;

SE a anedótica passagem de nível de Esgueira fosse resolvida, para evitar as perdas de tempo naquelas intermináveis bichas;

SE a anacrónica «ponte-de-pau» levasse um sumiço, pelas contrariedades e ridículo que causa;

SE o parque municipal tivesse o aspecto aprazível de outrora, portanto, sem o actual abandono;

SE alguém pensa instalar a Universidade de Aveiro fora do concelho e, por via disso, lhe alterar o nome;

SE a cidade-satélite de Santiago fosse uma realidade, para acabar com a triste realidade da crise da habitação;

SE a obra dos esgotos se concluísse, para conseguir atenuar os «perfumes» activos dos canais;

SE os empatas colaborassem no sentido de pôr cobro ao espectáculo vergonhoso de certos locais, que enxameiam e empobrecem a cidade;

SE a construção do parque de campismo se concretizasse, convidando à estadia de turistas, em vez de passarem...;

SE os empregados da recolha nocturna do lixo usassem de mais cuidado, evitando sujar as ruas;

SE a polícia actuasse mais uniforme e severamente na regulamentação do trânsito e dos estacionamentos, para reduzir os pandemónios e os abusos;

SE as fachadas de muitas casas fossem obrigadas a alindar-se, para obstar a um panorama de desolador abandono;

SE reparassem o antigo edifício da biblioteca, escarro patente da nossa praça maior;

SE colocassem os preconizados painéis de azulejos nas paredes do lado a jusante do Turismo, como adorno e identificação desta terra de grandes tradições cerâmicas;

SE as entidades auxiliassem e incentivassem a cultura local, não permitindo que alguns estabelecimentos e agrupamentos se obriguem a mendigar para sobreviver;

SE as velhas tradições e famosas procissões continuassem, para chamar aqui milhares de forasteiros;

SE o Turismo levasse a cabo anualmente, e a nível nacional, festividades ou quejandas, como promoção turística desta terra abandonada;

SE a iluminação da Avenida se apagasse, para fazer realçar a dos Serviços Municipalizados;

SE os Aveirenses — dignos do gentílico — pugnarem verdadeiramente pelos interesses, progresso e desenvolvimento da sua terra, então sim: Aveiro será — para orgulho de todos — uma Cidade!

Não aconteceu...

Continuação da 1.ª página

Mendes Leal, se bem que não tivessem andado juntos na escola, na catequese ou na modista, nem tão-pouco mastigado chanfana avinhada bairradinamente ou caldeirada piripizada de cabrito, à moda do mato angolano, no restaurante do tal retornado, para as bandas das Cinco Bicas. Além disso, — e no que toca ao agradecimento mastigatório que me era devido — compensei o Jaime com dúzia e meia de salutares e oportunas indicações terapêuticas, todas benéficas para o resquício de uma pertinaz bronco-pneumonia que o havia molestado dias antes. Maleita essa que, clinicamente, me pareceu nada ter a ver com os «nus» ou com os «despidos», a que me apeteceu fazer hoje circunstanciada e casta referência, com as devidas e bem intencionadas vénias e salamaleques do desavergonhado e sopeiral «Não aconteceu...». Porque as gradas resoluções se tomam à mesa, eu e o Mendes Leal não perdemos a solenidade do momento e a oportunidade que se nos deparou. Assim, sugerido foi encontrarem-se algures, onde calhar e em data a que todos apeteça (ou a aprazar após secreta votação democrática, devidamente fiscalizada) aqueles que vêm dando, por mera carolice, colaboração ao «Litoral». É evidente que a «dolorosa» seria resolvida em regime de «cada-um-paga-o-seu», o que não criaria à vítima sacrificada uma situação caótica semelhante à da economia nacional... Além disso, constituiria n o b r e exemplo de colectiva colaboração algibeiral, em frontal antagonismo com tradicionais hábitos lusíadas que permitem que continuem a levar vida airada os «penduras» e os «amigos da onça». Muitos de nós — os que escrevem nestas colunas — nem sempre nos conhecemos. Até nisto a «cristianíssima» gazeta aveirense é singular! Na parte que me toca, recordo-me de me ter chegado às mãos, estando eu em África, o interessantíssimo l i v r o «Horas de Descanso», do Dr. Barata da Rocha, que o autor me ofertou acompanhado de expressiva e enternecedora dedicatória. A verdade é que não tive, até agora, a grata oportunidade de lho agradecer pessoalmente, na medida em que nos conhecemos, apenas e só, pela colaboração que ambos ao «Litoral» vimos dando: eu, uma colaboração dispensável; o Dr. Barata da Rocha uma colaboração que só lamento não seja tão teimosa como a minha, o que tanto valorizaria este semanário aveirense. Ao falar no Dr. Barata da Rocha falo, implicitamente, em outros mais, «eternos desconhecidos» por «obra e graça» do Director do jornal, jurídica e bombeiralmente o c u p a d o sempre, que não se dignou ainda agendar, como se impunha, os apelos mendigantes que lhe venho fazendo, de há longa data, no sentido de proceder à convocatória do «conclave» colaborante. Como «não aconteceu», vez alguma na vida, sentir-me derrotado pelo desânimo, convicto fico da efectivação do encontro por todos apetecido. Todavia, preocupado fiquei ao ter-me sido dado saber, pelo Mendes Leal (que processará, se quiser, e não a mim) que alguém apelidara, noutros tempos, o «nosso» (do jornal) S. David de «campeão das desistências»... Perplexo e contestatário me quedei, por banalíssimos princípios de lisura que me andam nas entranhas. «Campeão das desistências» o S. David...? O S. David do «Litoral»...? O monje «dominicano» cuja fotografia vi, há dias, e aos pés da qual me apeteceu ajoelhar, devotamente, evocando a graça celeste da «gente» do «Litoral» se conhecer...? A ser assim — o que não creio — nem por isso a reunião, aprazada por mim e pelo Mendes Leal, deixará de se efectivar. A convocatória, em resultado de «desistências» tais, partirá dos «trabalhadores» do jornal, que não se esquecerão de reclamar a «bombeiral» presença do fradesco Director para que apague o brazido escaldante do rescaldo... Até porque antevejo brazido...! E escaldante...! «Bombeiralmente» necessitado...!

ARAÚJO E SÁ

Crónicas Alegres

Continuação da 1.ª página

nine a Trotski e Rosa de Luxemburgo a Staline, do Capitão Pimentel ao Major Saraiva de Carvalho, de Mousinho de Albuquerque a António de Spínola, do diabo aos querubins e dos Descobrimentos ao — infame e cobardemente caluniado — general Vasco Gonçalves.

Sob a protecção duma lei de imprensa que Zózimo diz não conhecer bem, mas de cujos efeitos já tomou redonda conta, uma desavergonhada colunista, da era salazárica e marcélica (Vera Lagoa, bem nutrida e actual) enxovalhou, no delírio duma publicidade malevolamente consentida, o então Presidente da República. Os oficiais do exército — partindo dos capitães de Abril até aos «prussianos» hierarcas que ainda sustêm as rédeas fortes do comando — são insultados, pisados, repisados, vilipendiados, zurzidos, cuspidos e recuspidos como num *desafio de fadista reles, faca na cinta e emblema de marialva ao peito, a novo golpe militar.* Pacato, o português olvida ou minimiza o vinte oito de Maio. E, aparvalhado, num desvairamento de compra e venda, fustiga as editoras, as livrarias, as casas de jornais.

O lusitano de manca educação primária, ainda saudoso do hino da Mocidade dita portuguesa, parece não lhe esquecer as estrofes gozonas — *lá vamos, cantando e rindo, levados, levados, sim.* E deixa-se levar. Compra tudo, mete audazmente o lúzio insensato sobre coisas que não entende ou pensa entender demais. Ora se deleita com as escandaleiras (a impetrar *casse-tête*) das supraditas folhas da direitelha e da esquerdaça, ou mergulha de cabeça, e sem saber nadar, em textos prolixos acerca de Karl Marx e Friedrich Engels, meio-atravessados de análises vagamente opinantes sobre Kant, Hegel ou o secundário — conquanto influente — Ludwig Feurbach. Tudo isto num douto cozinhado onde penetram, de quando em quando, com um tique de qualidade e preço, Bentham, os economistas britânicos, Platão, Aristóteles. E até Parménides; mais Tomás de Aquino, Descartes, quase o António Ferro. Para acabar em Lenine (Vladimiro), claro, de quem igualmente muitos falam, mas só um reduzido número entende.

De mistura c o m isto, prossegue Zózimo, e à míngua de um Eusébio tolhido pelos anos e o joelho pérfido, saltam e ressaltam os nomes hodiernos d o s novíssimos ases da bola. O Zé Pagode, inundado de jornais e livrecos, conjunta alegremente o Bertrand Russel com o Oliveira, James Mill com Fraguito, Stalin com o Chalana, o Manifesto Comunista de 1848 com a ultíssima circular dos sócios benfiquistas sobre o regresso de Humberto Coelho. Assinam-se novas e mais novas edições do «Capital» como se tratasse dos estatutos do Casapia, ou das memórias do Pelé. O portuguesito valente, que vai entrar de vela aberta na C.E.E. pela mão sábia do Dr. Soares, como devassara as Índias sob o pulso férreo do Gama, farta-se e refarta-se dos mestres da filosofia, da economia e da política, ameaçando semear a nacional bandeira sobre a cretina Europa temerosa da nossa social-democracia «sui generis». À fava o terceiro mundo, nós não somos atrasadíssimos, propomo-nos reensinar e *remuscular* (vide «democracia musculada», patente Pires Veloso) os decrépitos países do Velho Continente, prenhes de soviéticos miasmas.

Ainda, sempre e admirativamente a propósito do inigualável Soares, tirando com mão humilde o seu chapéu e super-austríaco chapéu «Böhm», menciona Zózimo o grande Garcia de Resende:

Conclui na 5.ª página

Encontro entre
AMIGOS DE INFÂNCIA

Continuação da 1.ª página

tos da sociedade em que vivemos? Ou será mentira? Se existissem creches, onde nós, trabalhadores, pudéssemos deixar os nossos filhos sem nos preocuparmos com a sua formação, já que isso devia competir ao Estado, como nos países onde a classe trabalhadora está no poder; então sim, com um tipo de vida onde a inflação não tem lugar, nós poderíamos levar uma vida mais despreocupada. Comprendes, agora, com esta breve elucidação da minha parte, por que não fazemos o mesmo tipo de vida que tu, e muitos, como tu, ainda fazem?

— Não esperava da tua parte toda essa lenga-lenga.

— O que eu te estive a dizer não é lenga-lenga. É pura realidade dos tempos que passam. E só não vê como nós quem não quer, ou quem está manobrado pelos **senhores**, que ainda proliferam por todo o nosso Portugal.

— Mas tu e o teu marido já não ganham o suficiente? Quanto mais ganham, mais querem ganhar. Parece impossível...

— Parece impossível — interveio desta vez o Fonseca — que tu digas uma coisa dessas! Então, com o custo de vida da maneira como está, e com os mesmos vencimentos de há cerca de um ano, a gente ganha o suficiente para viver sem vergonhas? Tu, que havias de ter outra forma de pensar, já que partiste do nada, e se conseguiste algo, que melhorou a tua situação, foi à custa do teu trabalho e do teu esforço. Portanto, repito, parece impossível que não compreendas a vida, segundo a óptica do proletário. Parece impossível... como tu mudaste!...

— Tens um exemplo — atalhou a Clarinha, que se virou para a montra da botique e disse:

— Aquela camisa a 550$00, poderá ser comprada por ti, Mané. Mas, pelo meu marido, isso quase que se torna impossível. Não é preciso, creio eu, voltar a dizer-te que, com dois filhos para criar, os nossos ganhos não dão para luxos nem para tomarmos a bica a 7$50. Percebes?

— É melhor concluirmos este breve diálogo, por agora — interrompe o «Mané» — Quando quiserem apareçam lá por casa. Ok?

— Está certo, dá um beijo à Ritinha; e, à tua mulher, pergunta-lhe se ela tem problemas com a aquisição do cabaz-das-compras? — afirmou e interrogou a Clara.

Cada um seguiu o seu destino. O casal, porque já era tarde, acelerou o passo, em direcção ao convívio dos filhos.

O Mané, um dos tantos que ainda para aí existem com este pensar, foi tomar o «Martini» ao café mais luxuoso da vila, após o que se dirigiu para o seu «Citroën DS» especial, a fim de tomar o rumo em direcção ao chalé onde reside.

RUI SANTOS

II Salão Ibérico de Arte Fotográfica

Continuação da 1.ª página

foram admitidos 126, sendo 79 a preto e branco, 6 a cores e 41 diapositivos, tendo sido apuradas as seguintes classificações:

Preto-Branco: *Troféu Ouro — «Murta», de Mariano Lopes Gallego (Barcelona); Troféu Prata — «Flora», de Antoni Anran Lopez (Barcelona); Troféu Bronze — «Paisagem II», de Manuel José Magalhães* (Porto). Cores: *Troféu Ouro — «Odei», de Mariano Lopez Gallego (Barcelona); Troféu Prata e Bronze* — não foram atribuídos. Diapositivos: *Troféu Ouro — «Vida Dura», de João Avelino Marques (S. João da Madeira); Troféu Prata — «Deport I», de Jordi Segana Rusiñol (Barcelona); Troféu Bronze — «Natureza II», de Manuel José Magalhães (Porto).* Prémio Turismo de Aveiro — *«Branco e Azul», de João Avelino Marques (S. João da Madeira).* Prémio «J. Ramos» — *«Murta», de Mariano Lopes Gallego (Barcelona).*

O certame — que se manterá patente ao público até ao próximo dia 25 — faz parte integrante do programa comemorativo do 20.º Aniversário daquela conceituada Secção do «Galitos».

DEUS e o MAL

Continuação da 1.ª página

não pode, e é então caso para perguntarmos onde está a sua Omnipotência. Ou nem quer, não pode, nem sabe acabar com o mal no mundo, pelo que a si próprio se nega na sua Infinita Bondade, no seu Infinito Poder, na sua Inteligência Infinita.

E assim argumentando, o homem continuou sua intérmina viagem.

Cruz Malpique

Vamos evitar a droga...!?

Continuação da 1.ª página

próximo: é, então, neste momento — de quase tresloucado — que o jovem é marginalizado e atirado para «a valeta» pela sociedade. Mais do que nunca tem forças necessárias para encarar os perigos que se lhe irão deparar.

Então, sentindo-se um inútil para com a sociedade e para consigo mesmo, decide-se a fazer uma auto-análise e, de acordo com ensinamentos teóricos e com a experiência (muito pouca...) que tem da vida, tira conclusões que para ele são importantíssimas e que podemos considerar como o reflexo directo da boa (ou má, conforme os casos ou os pontos de vista!) sociedade em que estamos inseridos e na qual vivemos. Assim, teremos que é na infância que o indivíduo necessita profundamente do carinho e do amor paternais. A falta destes cuidados terá consequências bastante negativas na futura vida do recém-nascido.

Depois, passada a fase mais melindrosa da vida dum ser humano, surge a adolescência, e com ela a necessidade de compreensão das pessoas que o rodeiam é, igualmente, a necessidade de uma chamada de atenção para os problemas quotidianos e para as responsabilidades que cada um tem que assumir (até certo, e limitado ponto!) por tudo o que diz e faz. Há necessidade de fazer ver à criança que ela faz parte de um todo, que é a sociedade, e, como tal, deve começar a habituar-se aos contactos necessários para uma verdadeira felicidade terrena.

Seguidamente — e num repente! — surge a mais crucial e a mais difícil (no aspecto de adaptação) fase da vida de alguém, ou seja, a juventude! Com ela chegam novos requisitos a que é necessário atender-se para se conseguir uma completa harmonia entre o indivíduo e o meio em que vive. Novamente o apoio — moral e material — dos familiares é deveras importante. E, quando os jovens se «deixam levar nas águas mornas», há necessidade dos adultos conscientes lhes fazerem um alerta para que acordem do sono perturbador em que mergulharam e para que tomem consciência absoluta das realidades terrenas em que estão inseridos. Assim, o jovem deixará de pensar que o mundo é confuso e utópico e passará a sentir gosto pela vida e pelo trabalho. Sente-se igualmente feliz quando observa a felicidade dos seus semelhantes!

Outras medidas importantes, e que devem ser tomadas a curto (ou, quando mais, a médio) prazo são a gradual e total eliminação dos passadores de estupefacientes (tenha-se esm grande atenção a quantidade de drogas que muitos dos retornados, ou desalojados, se assim lhes quiserem chamar, trouxeram das ex-colónias portuguesas. Hoje, que se esperam mais retornados, torna-se necessário não se consentir a repetição do acontecido!); a criação de centros de reabilitação — modernamente equipados e estruturados — que sejam, na verdade, de reabilitação e não de degradação (!); a criação de centros de colocação para que os recuperados se possam sentir úteis e não tenham que voltar ao mesmo. Por último, necessita-se de uma campanha (a nível nacional) em que colaborem todas as entidades partidárias, governamentais, civis e militares, e que terá por objectivo um estudo profundo das causas e das consequências da droga e, ao mesmo tempo, a realização de colóquios e de convívios com jovens, para lhes explicar as graves consequências do mundo da droga .Estou certo de que, se isto se realizar, teremos, em pouco tempo, um substancial decréscimo de jovens drogados. Até lá, cada um de nós tem uma palavra a dizer...

JOÃO SOARES

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	OUDINOT
Sábado	NETO
Domingo	MOURA
Segunda	CENTRAL
Terça	MODERNA
Quarta	ALA
Quinta	AVEIRENSE

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

Na Catedral de Aveiro

INESQUECÍVEL ESPECTÁCULO

Conforme aqui previamente noticiámos, o Coro do Círculo Portuense de Ópera e a Orquestra Sinfónica do Porto (R.D.P.) fizeram-se ouvir na «Paixão Segundo S. João», na Sé de Aveiro.

O magnífico espectáculo foi na noite de 6 do corrente — e o vasto templo, agora mais amplo depois das obras ali realizadas, encheu-se completamente de uma assistência que seguiu interessada todo o concerto, tendo-o aplaudido entusiasticamente, e com inteira justiça, no final de cada uma das suas duas partes.

De realçar a segura batuta de Manuel Ivo Cruz e a direcção do Coro de Gunter Arglebe, que teve como assistente António Cal Brandão. Manuel Lisboa, José Freitas, Elizette Bayan, Isabel Malaguerra, Fernando Serafim e José de Castro foram os intérpretes, respectivamente do Evangelho, Jesus, Servos (soprano e contralto), Servo (tenor) e Pilatos/S. Pedro (baixo). Ao cravo, Maria de Lourdes Alves; ao violoncelo, Carlos de Figueiredo; e, ao órgão, Armando Vidal.

Não obstante algumas inevitáveis deficiências, afinal só notadas pelos mais exigentes, o espectáculo resultou empolgante, essencialmente pela expressão e grandiosidade da partitura aqui cantada em Português na versão de Maria Madalena Amado Leite de Castro.

A Câmara Municipal de Aveiro e o seu departamento de Turismo alcançaram pleno êxito com esta inesquecível iniciativa, tendo editado uma sugestiva pajela, em que se dá conta dos principais componentes-cantores, de todos os instrumentistas-solistas e elementos da orquestra, entre estes o violinista aveirense João Lé; o opúsculo prossegue com uma sucinta, mas expressiva, nótula histórica sobre a obra, da autoria do saudoso Eduardo Libório, e culmina com o texto do Evangelho, que o auditório atentamente leu no decurso do concerto.

ASSEMBLEIA DE ADERENTES DO PARTIDO SOCIALISTA

Foi marcada para hoje, sexta-feira, com início às 21 horas, uma reunião da Assembleia de Aderentes da Secção de Aveiro do Partido Socialista, que se realizará na sede local daquele partido, ao n.º 12 da Rua João Mendonça, com a seguinte ordem de trabalhos: 1 — Eleição da Mesa da Assembleia de Aderentes da Secção; 2 — Eleição do Secretariado da Secção; e 3 — Discussão de quaisquer assuntos de interesse para a Secção.

CONFRATERNIZAÇÃO DE ANTIGOS ALUNOS DO LICEU DE AVEIRO

Antigos alunos do Liceu de Aveiro, que frequentaram aquele estabelecimento de ensino há 40 anos, vão reunir-se, no próximo dia 30, numa jornada de confraternização. Os «meninos», como se intitulam no programa que distribuíram, concentrar-se-ão, pelas 10 horas, no átrio do Liceu, onde terão uma «aula» numa das suas salas. Às 11.30 horas, na Catedral, será celebrada uma missa em memória e homenagem a todos os colegas já falecidos. Seguir-se-á um almoço de confraternização, na Pateira de Fermentelos, terminando o convívio numa das caves da região.

«FESTIVAL ROCK» NO PAVILHÃO DO BEIRA-MAR

Promovido por Actividades Circum-Escolares desta cidade, vai realizar-se, no dia 30 de Abril corrente, com início às 21.30 horas, um «Festival Rock», no Pavilhão do Sport Clube Beira-Mar.

Participarão na iniciativa, que está a despertar muito interesse nas camadas jovens, quatro conjuntos.

FESTAS DA SENHORA DO ÁLAMO

De 16 a 18 do corrente, vão realizar-se, na respectiva capela e no largo contíguo da freguesia de Esgueira, desta cidade, as costumadas festividades em honra de Nossa Senhora da Piedade — ou Nossa Senhora do Álamo, como é mais correntemente designada.

O programa elaborado, consta do seguinte: Dia 16 (sábado) — às 8 horas, salva de 21 tiros, a anunciar o início dos festejos. Seguidamente, a Banda de Pinheiro, acompanhada pelos conhecidos «Litípiros», percorrerá as ruas, na recolha de donativos. Dia 17 (domingo) — às 8 horas, descarga de morteiros, saindo a mesma banda a percorrer de novo as ruas; às 12 horas, missa solene, com sermão; às 16.30 horas, será rezado o Terço, seguido de procissão, pelo itinerário habitual; às 21 horas, arraial com dois apreciados conjuntos musicais; e, às 24 horas, sessão de fogo de artifício. Dia 18 (segunda-feira) — às 9 horas, a Banda de Pinheiro prosseguirá na recolha de donativos; à tarde, entrega do Ramo aos novos mordomos, divertimentos e distribuição de folares; às 21 horas, novo arraial, com a participação de dois conjuntos; e, às 24 horas, encerramento, com nova sessão de fogo de artifício.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

Teatro Aveirense

Sexta-feira, 15 — às 21.15 horas — HISTÓRIAS DE FACA E ALGUIDAR — não aconselhável a menores de 13 anos.

Sábado, 16 e Domingo, 17 — às 15.30 e 21.15 horas; Segunda-feira, 18 — às 21.15 horas — O DRAGÃO DE OURO — interdito a menores de 18 anos.

Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 15 — às 21.15 horas — CERIMÓNIA SANGRENTA — com Lucia Rose, Ewa Aulin e Espartaco Santoni — interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 16 — às 15.30 e 21.15 horas; Domingo, 17 — às 15 e 21.15 horas; Segunda-feira, 18 — às 21.15 h. — OS MALUCOS DE HONG-KONG — com Les Charlots — não aconselhável a menores de 13 anos.

Domingo, 17 — às 17.30 horas — O ÚLTIMO ADEUS — com Marcello Mastroianni e Sophia Loren — não aconselhável a menores de 13 anos.

FALECEU:

D. Maria do Rosário Máximo Guimarães

Com 82 anos de idade, faleceu, na manhã de quarta-feira última, na sua residência da Rua dos Combatentes da Grande Guerra — decorridos quase dois meses após uma queda que muito a traumatizou —, a sr.ª D. Maria do Rosário Máximo Guimarães, sobrinha de duas distintas senhoras, que com ela conviveram, muito respeitadas e em Aveiro conhecidas por «Poveiras», alusão à naturalidade dos seus ancestrais.

A extinta era irmã dos saudosos Laurélio e António Guimarães, personalidades que foram popularíssimas na cidade, e era tia do ilustre magistrado sr. Dr. António Máximo Guimarães, agora a exercer proficientemente em Lisboa, e prima da sr.ª D. Ondina Gaioso Vaz, residente no Porto, e dos srs. Drs. João (médico) e Mário (advogado) Gaioso Henriques e do sr. Eng.º António Máximo Gaioso Henriques.

Foi a sepultar, na tarde do dia imediato, após missa de corpo-presente na igreja dos Terceiros Franciscanos de Santo António, para jazigo de família, no Cemitéro Central.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Eu, ARTUR MESQUITA, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis: Faço saber que AUGUSTO DA SILVA MOREIRA, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de petróleo com a capacidade aproximada de 12 800 litros, sita na Rua Júlio Diniz, freguesia e concelho de S. João da Madeira, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decr. n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelos do Decreto n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, que aprova o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º, no Porto.

Porto, 10 de Março 1977.

O engenheiro-chefe da Delegação,

a) *Artur Mesquita*

LITORAL - Aveiro, 15/4/77 — N.º 1156

Confraternização dos antigos alunos da Escola da Glória

No último número deste jornal, demos nota da realização, também nestas colunas anunciada, de uma jornada de convívio dos antigos alunos que frequentaram a Escola Primária da Freguesia da Glória, desta cidade, nos anos de 1947/48/49, tendo prometido dar aqui mais circunstanciada notícia da mesma.

O interessante convívio vivido com contagiante alegria por cerca de uma centena de pessoas — iniciou-se com uma missa, na igreja das Carmelitas, por intenção dos colegas, professores e contínuos falecidos, tendo proferido, na altura própria, algumas significativas palavras acerca daquele acto piedoso o celebrante, Rev.º Pascoal.

Seguiu-se uma visita às novas instalações da «velha» Escola, onde foi descerrada uma placa comemorativa. Na circunstância, Gaspar Albino aproveitou o ensejo para agradecer a presença dos professores convidados, e das mulheres e filhos de alguns, e para enaltecer a amizade e a camaradagem que desde sempre se têm feito sentir entre todos os elementos daqueles cursos.

Efectuou-se, depois, o tradicional almoço de confraternização, no restaurante «Galo D'Ouro», onde — a par das mais variadas e jocosas intervenções de alguns dos presentes, a recordar factos há muito passados — viria a assentar-se na realização futura (e anual) de novas e semelhantes reuniões (que se esperam ver estendidas à participação dos alunos das escolas primárias das restantes freguesias citadinas) e em criar uma Associação dos Antigos Alunos da Escola Primária da Glória, cujos estatutos foram ali e logo deferidos, para elaboração, a elementos daquele grupo profissionalmente capazes.

Como nota final, resta dizer que não foi esquecida, mas sim lamentada, a ausência de uma das professoras de então, na altura retida no leito (e visitada, por esse motivo, por elementos da Comissão Organizadora), nem quantos se encontraram impossibilitados de estar presentes, deixaram de fazer sentir a sua presença em espontâneas missivas a que as circunstâncias os obrigaram.

CONTINUAÇÕES

e difícil de derrotar. Todavia, devemos confiar no empenho e no valor dos futebolistas aveirenses — que, como é óbvio, ficaram grandemente moralizados com o empate que impuseram ao Académico, em Coimbra, depois de terem vencido o Estoril-Praia, em Aveiro.

E, com toda a certeza, no domingo — e, posteriormente, nos subsequentes domingos, nas restantes finais que há para disputar, com o Belenenses, com o Vitória de Guimarães e com o Leixões —, à volta do tapete verde do estádio, teremos o público a jogar por fora, com os seus incitamentos, com o calor do seu entusiasmo, actuando como se fosse um autêntico jogador. É indispensável que assim suceda. E, não admitimos outra alternativa, vai acontecer assim mesmo — vai haver uma total união entre os assistentes e os atletas, de modo a que, no final, o Beira-Mar possa cantar vitória!

Xadrez de Notícias

Fernandes, esta época transferido do Sangalhos para o F. C. Porto.

Na tarde de sábado, em organização da Secção Desportiva da Casa do Povo de Arouca, e com elevado número de concorrentes, disputou-se o **I Grande «Cross» Pedestre da Páscoa** — competição de «corta-mato» em que triunfou, na corrida de fundo, para atletas filiados, António Silva, do Beira-Mar.

A habitual rubrica referente ao basquetebol não se publica, na presente edição do LITORAL, por nos ter sido impossível conhecer os desfechos dos desafios programados para sábado findo, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão.

Vamos continuar a envidar os melhores esforços no sentido de se conseguir apurar esses resultados, para podermos dar aos nossos leitores uma informação tão completa e tão correcta como desejamos.

Ciclismo

9.º — Pedro Relvão (Sheiko) 3h 20m 19s; 10.º — José Marques (Sanjoanense) m.t.

Classificaram-se mais quatro ciclistas, tendo desistido ou tendo sido eliminados treze concorrentes.

Por equipas triunfou o Sangalhos, em seniores de 1.ª; e na outra corrida, para juniores e seniores de 3.ª, foi estabelecida esta classificação: 1.º — Arsol, 9h 7m 48s; 2.º — Sheiko, 9h 15m 26s; 3.º — Sanjoanense, 10h 19m 44s. (As equipas do Bom-Sucesso e do Travanca não se qualificaram).

ANDEBOL DE SETE

Sul, os jogos serão dirigidos por árbitros do Porto — conforme ficou decidido na altura do sorteio. Foi ainda determinado que o preço dos bilhetes seja de 40$00 (para não-sócios) e de 20$00 (para sócios dos clubes visitados).

Para a primeira volta, a ordem dos encontros ficou assim estabelecida:

1.º dia — 16 - Abril
SPORTING - BELENENSES
S. BERNARDO - PORTO

2.º dia — 23 - Abril
BELENENSES - PORTO
SPORTING - S. BERNARDO

3.º dia — 30 - Abril
S. BERNARDO - BELENENSES
PORTO - SPORTING

Na segunda volta (com jogos em 7, 14 e 21 de Maio) passam a ser visitados os grupos que se indicam como visitantes nos desafios da primeira volta.

RECORTES

tência esterilmente a viver à custa de quem nós sabemos mas que temos vergonha de apontar.

Os clubes não conseguiram fugir a esse ciclo vandalesco, em que a inconsciência campeia, a gastarem o que têm e não têm. Alguns para se defenderem — triste e insensata é a razão — dizem que ninguém tem nada com isso, esquecendo-se, lamentavelmente, que receberam patrimónios que tinham obrigação de conservar e possivelmente aumentar.

Pagam-se ordenados e bolsas principescas. Quase ninguém faz um gesto, uma corrida, executa um pontapé sem lhe pagarem por preço elevadíssimo.

Arrepia, ver-se que se paga a treinadores de futebol centenas e centenas de contos, num país em que existe gente que passa fome!

Com que direito se desbarata tanto dinheiro, num país em que até os papagaiosdizem que é preciso preparar e cultivar a austeridade?

Os dirigentes que pactuam com semelhantes processos são verdadeiros criminosos de lesa-economia.

Se entre nós um trabalhador tem de fazer equilibrismos para viver com um ordenado de cinco ou seis contos, com que direito se paga a treinadores de futebol duzentos e tantos contos, num insulto que vexa a maioria dos portugueses?

Que fazem os nossos governantes? Ficam indiferentes por não sentirem as dificuldades financeiras que flagelam a maioria dos portugueses?

Como assistir, calma e indiferentemente, a este festim em que algumas dezenas têm a vida que querem, enquanto a maioria dos portugueses tem a vida que não querem?

(Palavras de Alves Teixeira, *in* «O Norte Desportivo» de 3-4-77)

Aspirações e Previsões

porque o Belenenses é uma grande equipa. E mais difícil ainda, porque temos sido apoquentados por série longa de lesões (João Manuel, Carlos Correia, etc.) e pelo facto de outros jogadores sentirem bastantes dificuldades para treinar.

Quanto às equipas do Norte, desconheço o seu valor. Mas, e até por tradição, o F. C. do Porto é sempre um adversário difícil; e, se atendermos à classificação da Zona Norte, também o S. Bernardo deve constituir antagonista valoroso.

Ulisses Manuel e Carlos Delgado — Delegados do S. Bernardo

As nossas aspirações são limitadas, como limitados são, de resto, os meios de que dispomos, comparativamente aos dos adversários que iremos encontrar.

Todavia, é bastante grande o desejo de conseguirmos os melhores resultados possíveis, de nos enriquecermos através do contacto directo com as melhores equipas do País e de fazermos desta fase um trampolim para um desenvolvimento ainda maior do andebol de S. Bernardo.

À partida, gostaríamos de realçar que esta classificação nos permite, salvo erro, a melhor classificação de sempre duma equipa do Distrito de Aveiro no «Nacional» de Andebol da I Divisão — título este que muito nos honra e nos compensa dos enormes sacrifícios que temos tido.

Portanto, e em resumo, poderemos dizer que o nosso objectivo está mais do que conseguido. Mas que, neste momento, é imperativo nosso conseguir marcar uma presença condigna.

SPORT CLUBE BEIRA-MAR

CONVOCATÓRIA

Dando cumprimento ao estabelecido pelos estatutos do Sport Clube Beira-Mar, convoco todos os seus sócios para a Assembleia Eleitoral que se realiza no dia 22 de Abril de 1977, das 20 às 23 horas, na sede do Clube, para efeitos de eleições da Câmara delegada para o biénio de 1977/79.

Aveiro, 13 de Abril de 1977.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
a) *João Barreto Ferraz Sacchetti*

Crónicas Alegres

Conclusão da pág. 3

«Foi pessoa de muita valia e autoridade, e de bom conselho e vivo saber mui despejado e de muita graça e estimado e mui favorecido de El-Rei e de todos os reis que alcançou. Aconteceu que, estando El-Rei em Lisboa, sobreveio a Rui de Sousa um negócio em que lhe muito cumpria haver três mil cruzados emprestados, e como era mui despejado com El-Rei, lhe contou sua necessidade e pediu-lhe por mercê que ao domingo seguinte, quando Sua Alteza cavalgasse, como sempre cavalgava, na Rua Nova dos Mercadores, lhe fizesse algum favor para achar quem lhe emprestasse o dito dinheiro, e El-Rei disse que sim. E ao domingo cavalgou, e na Rua Nova chamou Rui de Sousa, e só falando com ele deu três voltas na Rua Nova rindo ambos, e perguntou-lhe se bastaria; e Rui de Sousa lhe disse que sobejava, e ao outro dia foi Rui de Sousa à Rua Nova, e a só dois mercadores que falou lhe emprestaram os três mil cruzados, e se vinte mil quisera tantos achara.»

Diz Zózimo, em norte-americana conclusão, que nos escasseia Rui de Sousa mas nos sobeja Salgado Zenha, rei dos negócios dos dólares e do arroz...

JORGE MENDES LEAL

SERFILAN-Tecidos e Vestuário, s. a. r. l.-Aveiro

RELATÓRIO E CONTAS DA ADMINISTRAÇÃO E PARECER DO CONSELHO FISCAL, REFERENTES AO EXERCÍCIO DE 1976

Excelentíssimos Senhores Accionistas:

Dando cumprimento às disposições legais e estatutárias, temos a honra de apresentar e submeter à Vossa apreciação o Relatório e Contas referentes ao Exercício findo em 31 de Dezembro de 1976.

Através dos mapas que incluímos e consideramos relativamente suficientes para uma análise da situação económica e financeira da Empresa, poderão V. Exas. apreciar o trabalho desenvolvido pela Administração e Colaboradores.

Os lucros líquidos, depois de deduzidas as importâncias necessárias às Provisões e Amortizações de acordo com a Lei Fiscal e ao pagamento de todas as Contribuições e Encargos, foram de Esc. 764 720$27, para os quais propomos a seguinte distribuição:

— Para Reserva Legal	38 236$00
— Para Reserva Especial	500 000$00
— Para Dividendos	200 000$00
— Para Conta Nova	2 484$27
— Artigos 13.º, 15.º e 19.º dos Estatutos	24 000$00
	764 720$27

Dado que durante alguns anos a Administração desta Firma tem deliberado prescindir das participações que lhe caberiam nos lucros por força dos cargos que desempenham (Art.º 13.º dos Estatutos), assim como os outros Corpos Gerentes, é a mesma Administração da opinião que este ano recebam as percentagens seguintes: Conselho de Administração 6 %, Conselho Fiscal 4 %, Mesa da Assembleia Geral 2 %, incidindo sobre a distribuição dos dividendos; ou outras que venham a ser acordadas em Assembleia Geral.

Com os nossos melhores cumprimentos, temos a honra de nos subscrever,

Muito Atentamente,

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — **Manuel de Oliveira**
Vogais — **Alfredo de Oliveira**
— **Aniano A. S. Martins**

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

ACTIVO

DISPONÍVEL		
Caixa	260 835$15	
Depósitos à Ordem	1 617 246$02	1 878 081$17
REALIZÁVEL		
Letras a Receber	133 619$70	
Letras à Cobrança	347 214$50	
Clientes	7 322 591$40	
Mercadorias	18 002 219$00	
Acções	5 000$00	
Títulos de Crédito	10 000$00	25 820 644$60
IMOBILIZADO		
Móveis e Utensílios	445 871$50	
Viaturas	322 173$00	
Instalações	66 499$70	834 544$20
CONDICIONADO		
Cauções Estatutárias	80 000$00	
Cauções	2 270 000$00	2 350 000$00
		30 883 269$97

PASSIVO

EXIGÍVEL		
Dividendos a Pagar	15 028$70	
Impostos a Pagar	231 368$00	
Letras a Pagar	17 143 614$90	
Fornecedores	634 515$20	
Imposto de Transacções	730 588$10	
Devedores e Credores	460 348$30	
Manuel de Oliveira c/ Suprimentos	2 608 200$50	21 823 663$70
REGULARIZAÇÃO DO ACTIVO		
Provisão p.ª Cred. Cob. Duvidosa	319 482$40	
Provisão p.ª Desval. da Existência	1 800 221$90	
Amortização de Móveis e Utensílios	263 207$90	
Amortizações de Viaturas	173 843$50	
Amortização de Instalações	49 571$00	2 606 326$70

SITUAÇÃO LÍQ. ACTIVA

Capital	2 000 000$00	
Reserva Legal	138 559$30	
Reserva Especial	1 000 000$00	
Reserva p.ª Fundo Garantia Dividendos	200 000$00	3 338 559$30
Perdas e Lucros:		
Saldo do Exercício Anterior	52 278$27	
Resultados do Exercício	712 442$00	764 720$27
CONDICIONADO		
Credores por Cauções Estatutárias	80 000$00	
Credores por Cauções	2 270 000$00	2 350 000$00
		30 883 269$97

O TÉCNICO DE CONTAS
Ernesto Domingos M. Pereira

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente — **Manuel de Oliveira**
Vogais — **Alfredo de Oliveira**
— **Aniano A. S. Martins**

APURAMENTO DO LUCRO S/ VENDAS EM 1976

EXISTÊNCIA INICIAL	11 758 326$40		
— De Prov. p.ª Desval. Ex.	199 366$60	11 558 959$80	
COMPRAS			
— Compras no Continente	29 378 804$40		
— Compras no Ultramar	2 612 423$70		
— Compras no Estrangeiro	290 610$20	32 281 838$30	43 840 798$10
VENDAS			
— Vendas a Dinheiro (GROSSO)	10 920$80		
— Vendas a Dinheiro (RETALHO)	1 745 878$40		
— Vendas a Prazo (GROSSO)	1 507 981$00		
— Vendas a Prazo (RETALHO)	31 237 754$40		
— Vendas ao Ex-Ultramar	1 354 438$00		
— Vendas ao Estrangeiro	210$00	35 857 182$60	
EXISTÊNCIA FINAL		18 002 219$00	53 859 401$60
LUCRO S/ AS VENDAS			10 018 603$50

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE PERDAS E LUCROS EXERCÍCIO DE 1976

DÉBITO

Juros e Descontos	2 698 583$50	
Comissões	1 746 961$50	
Despesas Gerais	2 883 819$80	
Despesas de Venda	389 204$40	
Contribuição Industrial	236 624$00	
Gastos c/ Viaturas	39 524$20	
Despesas de Compra	25 938$00	
Provisão para Créd. Cob. Duvidosa	312 374$30	
Provisão para Desval. da Existência	823 755$80	
Amortização de Viaturas	46 437$60	
Amortização de Móveis e Utensílios	36 415$00	
Amortização de Instalações	1 982$70	
Artigos 13.º, 15.º e 19.º dos Estatutos	92 954$70	9 334 575$50
SALDO DO EXERCÍCIO		764 720$27
		10 099 295$77

CRÉDITO

Saldo do Exercício Anterior	52 278$27	
Dividendos de Acções Próprias	414$00	
Proveitos Acidentais	13 000$00	
Mais Valia em Viaturas	15 000$00	
Mercadorias (lucro s/ vendas)	10 018 603$50	10 099 295$77

PROPOSTA DE DISTRIBUIÇÃO

Para Reserva Legal	38 236$00	
Para Reserva Especial	500 000$00	
Para Dividendos	200 000$00	
Para Conta Nova	2 484$27	
Artigos 13.º, 15.º e 19.º dos Estatutos	24 000$00	764 720$27

CONTA DE DESPESAS GERAIS DO EXERCÍCIO DE 1976

Telefone	39 406$70
Água e Luz	8 295$10
Ordenados	1 518 975$20
Caixa de Previdência	256 394$20
Fundo de Desemprego	57 270$90
Valores Selados	120 070$00
Tipografia e Papelaria	72 430$50
Impostos e Licenças Camarárias	53 978$00
Publicidade	910$00
Rendas	93 600$00
Gastos de Administração	1 920$00
Desp. de Representação e Prom. Vendas	17 541$10
Seguros	58 120$60
Impostos ao Estado	64 703$00
Expediente	105 693$10
Limpeza, Conforto e Higiene	22 856$30
Ordenados de Administração	294 000$00
Material de Escritório	14 499$90
Publicações	12 138$10
Contencioso	29 455$30
Conservação e Reparação	27 237$70
Material de Armazém	1 902$10
Grémio	8 250$00
Donativos	3 009$00
F. N. A. F.	1 163$00
Total	2 883 819$80

CONTA DE DESPESAS DE VENDA DO EXERCÍCIO DE 1976

Portes	50 857$20
Viagem	126 408$80
Material de Embalagem	158 380$40
Mostruário	31 813$90
Carburante Volkswagen FB-41-27	21 744$10
Total	389 204$40

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE JUROS E DESCONTOS Exercício de 1976

Descontos Concedidos	1 457 713$40	
Encargos Bancários	186 376$60	
Encargos Financeiros	1 114 556$30	
Diferenças Cambiais	4 695$20	2 763 341$50
Descontos Obtidos		— 64 758$00
		2 698 583$50

INVENTÁRIO DAS CONTAS: TÍTULOS DE CRÉDITO E ACÇÕES EM 31/12/76

Designação	Quantidade	Valor nominal	Preço Médio Compra	Cotação na Bolsa	Valor de Balanço		Valor total de aquisição
					Unit.	Total	
1. TÍTULOS DE CRÉDITO Obrigações do Tesouro 10% — 1975	20	500$	500$	—$—	500$	10 000$	10 000$
2. ACÇÕES Acções próprias	5	1 000$	1 000$	—$—	1 000$	5 000$	5 000$
TOTAL						15 000$	15 000$

EXCELENTÍSSIMOS SENHORES ACCIONISTAS:

No cumprimento da nossa missão, tivemos oportunidade, durante o ano de mil novecentos e setenta e seis, de acompanhar a actividade desenvolvida pelo Conselho de Administração e de examinar as contas sempre que o desejámos e de examinar também o Relatório e Contas que o Conselho de Administração nos apresenta em relação ao mesmo exercício e cuja exactidão verificámos.

Nestas condições, somos de parecer que:

1.º — Aproveis o Relatório e as Contas apresentadas pelo Conselho de Administração;
2.º — Aproveis a proposta de distribuição de resultados contida no referido Relatório.

Aveiro, 10 de Fevereiro de 1977.

O CONSELHO FISCAL:
Presidente — **José Eurico Tavares Moutinho da Fonseca**
Vogais — **Eng.º Osvaldo Artur Oliveira e Rocha**
— **Mário de Oliveira**

Pescarias Rio Novo do Príncipe, s. a. r. l. — AVEIRO

Ralatório, Contas e Parecer do Conselho Fiscal — Exercício de 1976

RELATÓRIO

Ex.mos Senhores:

Decorreu a actividade da Empresa sensivelmente de acordo com as previsões consignadas nos anteriores relatórios.

Assim, manteve-se a constância no agravamento das matérias subsidiárias, produtos e serviços indispensáveis à normal laboração dos navios.

Em contrapartida, entretanto, igualmente se verificou, de um modo geral, o aumento do preço de venda do pescado nas lotas.

Aquele aumento, porém, não poderá por si apenas, servir de ponto de referência à estima de conclusões sobre a vida económica do sector, pois que resulta, essencialmente, do decréscimo — que também se vê progressivo — do número de dias de pesca.

A situação emergente das apontadas variações dos custos de produção e dos preços de mercado do peixe, como é por demais óbvio, afasta-se do controle administrativo da empresa.

O navio *«Rio Novo do Príncipe»* teve somente 175 dias de trabalho no mar, isto é, menos 15 dias do que no ano precedente, pelo que a sua exploração continuou deficitária — e era já preocupante — o que levou esta administração a pensar, com firmeza, na sua substituição.

Quanto ao navio *«Foz do Príncipe»*, não obstante poder considerar-se o seu resultado final aceitável sob o aspecto económico, a verdade é que, posto em confronto com o resultado obtido pelo novo navio, se concluiu que a sua substituição seria também de encarar.

Em tal sentido, foram oportunamente entabuladas negociações para a venda das referidas unidades, com reserva expressa do direito às respectivas construções de substituição.

O arrastão *«Príncipe do Vouga»*, entrado em serviço em meados de Agosto, produziu um volume de captura aproximado ao do *«Foz do Príncipe»*: — com 94 dias de trabalho no mar, pescou aquele navio 487 ton., contra 475 ton. pescadas pelo *«Foz do Príncipe»*, em 202 dias.

Estes números estabelecem claramente o grau de rentabilidade de cada um dos tipos das embarcações comparadas e justificam suficientemente a resolução tomada.

O fabrico do navio *«Príncipe do Vouga»* ascendeu a 21 750 contos; todavia, há que introduzir-lhe algumas alterações, pelo que o seu valor final deverá ficar um pouco acima dos números inicialmente previstos.

O investimento naquele navio, durante o exercício em apreço, foi de cerca de 6 000 contos.

Sob a rubrica de «Móveis e Utensílios», foi aplicada a importância de 31 575$00, em máquinas de escritório e utensílios vários.

Os encargos com o imóvel, para além de uma benfeitoria de insignificante monta, não foram além dos necessários à sua manutenção.

Consequentemente e em atenção à ausência de distribuição de resultados pelos accionistas, há já alguns exercícios e sem quebra dos regimes de auto-investimento e de economia forçada que a Empresa sempre viveu, entende a administração propor um dividendo adequado e, nesses termos, propõe:

— para reserva legal	117 500$00
— para reserva livre	59 179$40
— para cumprimento do art. 16.º, 1.ª parte, dos Estatutos	141 300$00
— para dividendo de 100$00 a 7 200 acções e de 50$00 a 3 750 acções, cativo de impostos	1 095 000$00
	1 412 979$40

Aveiro, 31 de Dezembro de 1976.

O guarda-livros,

a) *Francisco Porfírio de Carvalho e Silva*

O Conselho de Administração,

aa) *Arnaldo Ferreira* (Presidente)
Carlos Valente da Silva Resende
Silvério Ferreira Balseiro

BALANÇO

ACTIVO

Disponível			
— Caixa		4 566$60	
— Depósitos à Ordem		1 481 724$30	1 486 290$90
Realizável			
— Accionistas			3 750 000$00
Imobilizado			
— Técnico			
— Embarcações	33 724 600$10		
— Reintegrações	10 043 738$70	23 680 861$50	
— Móveis e Utensílios	73 469$40		
— Reintegrações	30 793$80	42 975$60	
— Instalações	39 766$90		
— Reintegrações	11 644$10	28 122$80	
— Organização Social	184 201$70		
— Amortizações	179 380$10	4 821$60	
— Edifício Social	978 522$40		
— Reintegrações	31 617$90	946 904$50	
		24 703 686$00	
— De Fruição			
— Participações Financeiras		511 100$00	25 214 786$00
			30 451 076$90
Contas de Ordem			
— Acções em caução administrativa			120 000$00
			30 571 076$90

PASSIVO

Exigível			
— Devedores e Credores	3 090 832$80		
— Letras a Pagar	1 331 455$20		
— Financiamentos	7 800 000$00	12 222 288$00	
Condicionado			
— Impostos a Pagar		273 564$90	12 495 852$90

SITUAÇÃO LÍQUIDA

Inicial			
— Capital		15 000 000$00	
Acumulada			
— Reserva Legal	686 000$00		
— Reserva Livre	856 244$60	1 542 244$60	16 542 244$60
Adquirida			
— Saldo negativo do exercício anterior		927 620$70	
— Saldo do exercício		2 340 600$10	1 412 979$40
			30 451 076$90
Contas de Ordem			
— Credores por acções em caução			120 000$00
			30 571 076$90

Aveiro, 31 de Dezembro de 1976.

O guarda-livros,

a) *Francisco Porfírio de Carvalho e Silva*

O Conselho de Administração,

aa) *Arnaldo Ferreira* (Presidente)
Carlos Valente da Silva Resende
Silvério Ferreira Balseiro

CONTA DE LUCROS E PERDAS

(DESENVOLVIMENTO)

CUSTOS			
— Gastos de Administração			
— Remunerações:			
— Órgãos sociais	134 000$00		
— Escritório	140 000$00	274 000$00	
— Encargos parafiscais		32 020$00	
— Encargos diversos		130 463$90	436 483$90
— Gastos de Exploração			
— Pesca Costeira			
— Matérias subsidiárias	3 231 238$00		
— Seguros	1 011 436$70		
— Reparações	1 816 142$70		
— Remunerações	6 201 645$90		
— Encargos parafiscais	1 248 349$80		
— Encargos liversos	238 550$20	13 747 363$30	
— Encargos de vendagem:			
— Taxas diversas	1 132 745$90		
— Impostos diversos	95 305$00		
— Descarga e escolha	790 596$50		
— Guarda-Fiscal e Polícia Marítima	15 464$10		
— Diversos	26 407$20	2 060 518$70	
		15 807 882$00	
— Imóveis			
— Encargos fiscais	15 747$00		
— Seguros	1 764$00		
— Reparações	15 208$40		
— Encargos diversos	965$40	33 864$80	15 841 566$80
— Juros e Descontos			
— Juros e outros encargos financeiros		1 046 058$00	
— Diferenças		2$30	1 046 060$30
— Outros Custos			
— Custos diferidos		360$00	
— Resultados do exercício anterior		927 620$70	927 980$70
— Amortizações e Reintegrações			
— Embarcações		2 466 919$90	
— Móveis e Utensílios		8 277$70	
— Instalações		3 976$60	
— Organização Social		20 434$90	2 499 609$10
— Resultados do Exercício			
— Saldo negativo do exercício anterior		927 620$70	
— Saldo do exercício		2 340 600$10	1 412 979$40
			22 164 680$20
PROVEITOS			
Pesca Costeira			
— Rendimento bruto do pescado		21 994 365$00	
— Imóveis			
— Rendas recebidas		79 200$00	22 073 565$00
— Juros e Descontos			
— Descontos obtidos		3 058$60	
— Diferenças		4 574$70	7 633$30
— Outros Proveitos			
— Proveitos diferidos		61 675$50	
— Venda de resíduos		3 163$80	
— Retorno de prémios de seguro		18 642$60	83 481$90
			22 164 680$20

Inventário das participações financeiras em 31 de Dezembro de 1976

DESIGNAÇÃO	Quantidade	Valor nominal	Preço médio de compra	Valor de Balanço — Unitário	Valor de Balanço — Total	Valor total de aquisic.
1 **Participações Financeiras**						
1.1 Quotas						
1.1.1 Sociedade dos Frigoríficos de Aveiro, Lda.	1	26 000$	26 000$	26 000$	26 000$	26 000$
1.2 Acções						
1.2.1 Próprias	300	1 000$	1 500$	1 500$	450 000$	450 000$
1.2.2 F. A. P. — Fábrica de Automóveis Portugueses, S.A.R.L.	50	500$	500$	500$	25 000$	25 000$
1.2.3 Cooperativa dos Armadores da Pesca de Arrasto	10	1 000$	1 000$	1 000$	10 000$	10 000$
1.2.4 Cooperativa Eléctrica da Gafanha da Nazaré	1	100$	100$	100$	100$	100$
1.3 Total					511 100$	511 000$

Aveiro, 31 de Dezembro de 1976.

O guarda-livros,

a) *Francisco Porfírio de Carvalho e Silva*

O Conselho de Administração,

aa) *Arnaldo Ferreira* (Presidente)
Carlos Valente da Silva Resende
Silvério Ferreira Balseiro

RELATÓRIO - PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accoinistas:

De acordo com a pertinente legislação, foram presentes a este Conselho Fiscal, o Relatório e adrede documentação, respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1976, elaborados pelo Conselho de Administração.

Apreciados os referidos documentos, cumpre relatar:

— pelo conhecimento directo dos negócios da Empresa e respectiva contabilização, tomado através dos exames e verificações efectuadas no decurso do exercícioà

— pela correcta relevação dos bens e valores sociais, avaliados ao preço do custo efectivo, critério que desde início adoptou; e

— pelos esclarecimentos obtidos do Conselho de Administração, quer durante os referidos exames, quer em reuniões conjuntas para deliberar sobre factos importantes da vida da Empresa, entende este Conselho que o Relatório e demais elementos em apreço, na medida em que se esclarecem ou completam, dando a conhecer a situação económica-financeira da Empresa, satisfazem as exigências legais.

Consequentemente, é de parecer:

— que o Balanço e as contas relativos ao exercício ora findo e a proposta para distribuição dos resultados, devem ser aprovados.

Aveiro, 23 de Fevereiro de 1977.

O Conselho Fiscal,

aa) *Celso Bernardo de Albuquerque* (Presidente)
António Pereira dos Santos
Manuel Capitolino Pata

ANDEBOL DE SETE

CAMPEONATO NACIONAL

Começa amanhã a FASE FINAL

Concluídas, há quinze dias, as **poules** de apuramento, no Norte e no Sul, com a qualificação das turmas do F. C. do Porto e do S. Bernardo (Zona Norte)e do Belenenses e do Sporting (Zona Sul), e depois da pausa da quadra pascal, vai iniciar-se, amanhã (sábado), a fase final do Campeonato Nacional da I Divisão.

Os jogos terão início às 21.30 horas (com excepção do Porto-Sporting e do Sporting-Porto, marcados, respectivamente, para as 18 horas do dia 30 do corrente e para as 17 horas do dia 21 de Maio próximo). O S. Bernardo utilizará o Pavilhão Gimnodesportivo de Aveiro, nos encontros em que será visitado.

Nos desafios a efectuar no Norte, actuam árbitros de Lisboa; e, no

Continua na página 5

ASPIRAÇÕES E PREVISÕES

Aveiro, Porto e Lisboa vão ser os palcos da fase final do Campeonato Nacional de Andebol de Sete — que se inicia amanhã e terminará em 21 de Maio próximo (como noticiamos hoje, noutro ponto deste jornal).

Três turmas cotadas e poderosas, todas elas já com o respectivo nome inscrito no rol dos vencedores da prova (Porto, Sporting e Belenenses) e, em princípio, todas três candidatas ao título, vão apadrinhar a estreia de um «caloiro» nestas andanças: o C. D. S. Bernardo. A equipa aveirense, foi, na zona Norte, uma turma-sensação e, agora, na **poule** decisiva, onde a sua presença só por si constituirá triunfo assinalável, aguarda-se com muito interesse e grande curiosidade o seu comportamento.

Antes de se levantar o pano para a peça que vai representar-se em seis quadros (as seis jornadas que integram o campeonato), aquando do sorteio efectuado na sede da Federação Portuguesa de Andebol, em Lisboa, o LITORAL arquivou um feixe de opiniões de responsáveis dos quatro clubes finalistas, convidados a depor, fazendo previsões sobre a fase final da prova e dando-nos conta das aspirações das colectividades que representam.

Eis as palavras que recolhemos neste nosso inquérito-relâmpago:

Prof. António Cunha — Treinador do F. C. Porto

À partida, considero o Belenenses como o grande favorito. Isto, no entanto, é diferente de considerá-lo, desde já, campeão! Bastará um deslize do Belenenses, nas primeiras jornadas, para as perspectivas se alterarem.

Penso, pois, que as contingências do decorrer do campeonato serão bastante importantes no seu desenrolar...

António Esteves Martins — Delegado do Belenenses

A fase final será, para nós, forçosamente difícil, visto que o Porto e o Sporting são potências do andebol, a nível nacional. Sem pretender menosprezar o valor da equipa do S. Bernardo, parece-me, «a priori», que os aveirenses não têm possibilidades de discutir o título. Podem, todavia, nos jogos que disputam no seu recinto, influir decisivamente no desfecho final do campeonato.

Apesar de tudo, considero a minha equipa favorita. Mas, para tanto, tem que jogar o seu melhor em todas as partidas, pois qualquer deslize poderá ser fatal...

Fiel Farinha — Delegado do Sporting

Considero bastante difícil para o Sporting conquistar o título de campeão, mas tudo faremos para valorizar o campeonato. É difícil

Continua na página 5

RECORTES — RUBRICA COORDENADA PELO DR. LÚCIO LEMOS

Basta!

«Todos temos que trabalhar e produzir. Mas as greves sucedem-se, as reuniões com paragens constantes, na hora em que se devia estar a produzir são permanentes. Confrange tamanha insensibilidade face ao perigo que o povo português corre, autêntico vulcão social, em que ninguém tenta meditar e olhar o futuro.

O custo da vida aumenta ciclonicamente. As estatísticas surgem vestidas de cor-de-rosa. Não são cobertas em arminho, pois traem em toda a sua expressão enganadora os sacrifícios suportados por uma maioria bem-intencionada, que pretende caminhar na vida de cabeça erguida e não pode, pois sente-se acabrunhado pelo peso tremendo das dificuldades.

Mas os tantos por cento denunciados pelas tais estatísticas é enganador, confrangedoramente mentiroso, pois o custo da vida de todos os dias aumentou em mais de cem por cento.

Façam-se as estatísticas na despesa de todos os dias, nas obrigatórias, nas que se tem de suportar para não se morrer à fome e ver-se-á a cruel realidade.

Nunca se falou tanto em trabalho e nunca se viu em Portugal tamanha vagabundagem, tantos malandros a viverem à custa dos outros ou das outras.

Os postos de trabalho desaparecem. As dificuldades são autênticos «icebergs», enormes, para os quais não há forças para os dominar.

Procura-se defender tenazmente, com verdadeiro desespero, obras que foram erguidas pelo sacrifício e tenacidade de muitos e verdadeiros trabalhadores, mas uns tantos não pactuam com esses anseios, continuam com as greves, as paragens, as reivindicações insensatas, numa ansiedade louca, alucinante de se defenderem momentaneamente, nem que sepultem para sempre verdadeiros baluartes de trabalho, que só com trabalho se podem defender.

Enquanto isto sucede, enquanto tantos portugueses procuram febril e desesperadamente não se deixarem atolar no pântano criado, continua-se a viver despreocupadamente, sem o verdadeiro sentido das proporções da tremenda crise que atravessamos, que uma grande maioria sente no corpo e no sangue, olhando tristemente para o futuro, não sabendo o que será para os seus filhos, tantos daqueles que passam a vida a dizer que há necessidade imperiosa de trabalhar mas levam a sua exis-

Continua na página 5

Xadrez de Notícias

O Campeonato Distrital de Iniciados, em basquetebol, tem no domingo, de manhã, os desafios da derradeira jornada (Ovarense - Galitos e Illiabum - Beira-Mar), encontrando-se em atraso o desafio Beira-Mar - Ovarense, da quinta jornada, adiado para permitir a presença dos auri-negros (rotulados de Selecção de Aveiro) no **III Encontro Nacional de Iniciados**, realizado no Porto.

No outro encontro da penúltima ronda, o Galitos venceu o Illiabum, em Ílhavo, (56 - 53), pelo que o Beira-Mar ficou virtual campeão.

No **Grande Prémio da Páscoa** — prova em duas etapas, organizada pela Associação de Ciclismo do Porto, no passado fim-de-semana — Manuel Durão (Sangalhos) obteve o nono lugar da classificação final, sendo o melhor representante dos bairradinos naquela prova, de que saiu vencedor Venceslau

Continua na página 5

IV OLIMPÍADAS dos BANCÁRIOS de AVEIRO

Terminou já a prova de futebol de onze integrada nas **IV Olimpíadas dos Bancários de Aveiro** — competição que envolveu seis concorrentes e se desenrolou em duas fases.

Inicialmente, houve duas séries, em que se apuraram os seguintes desfechos:

Série A

Banco Borges & Irmão, O — Caixa Geral de Depósitos, 1 (golo apontado por Fernando Vieira). Banco Fonsecas & Burnay, 8 — Banco Borges & Irmão, 0 (marcadores: Silva (3), João Alves (3), Henrique Peres e Antimo Marinheiro). Banco Fonsecas & Burnay, 2 — Caixa Geral de Depósitos, 1 (fizeram os golos João Alves, pelos vencedores ;e Falcão, pelos vencidos).

Série B

Banco Português do Atlântico, 5 — Banco Nacional Ultramarino, 2 (golos de Sá Castro (2), Henrique Palavra, Sousa Castro e José Manuel, na própria baliza, pelos vencedores; e de José Manuel e Nelson, pelos vencidos). Banco Nacional Ultramarino, 0 — Banco Pinto & Sotto-Mayor, 8 (marcadores: Veiga (3), Aníbal (2), Angelo (2) e Brás). Banco Pinto & Sotto-Mayor, 1 — Banco Português do Atlântico, 1 (autores dos tentos: Nolasco, pelo «Atlântico» e Veiga, pelo «Sotto-Mayor»).

Na fase final, as meias-finais proporcionaram triunfos ao Banco Pinto & Sotto-Mayor sobre a Caixa Geral de Depósitos, por 4-0 (golos de Veiga (2), Aníbal e Brás) e ao **Banco** Português do Atlântico sobre o Banco Fonsecas & Burnay, por derrota averbada pela Organização das Olimpíadas a esta equipa.

Por último, os jogos finais concluíram deste modo: Banco Fonsecas & Burnay, 5 — Caixa Geral de Depósitos, 1 (golos de Peres, Silva (2), Alves e Gil, pelos vencedores; e de Bastos, pelos vencidos) e Banco Pinto & Sotto Mayor, 2 — Banco Português do Atlântico, 1 (golos de Ângelo e Veiga, pelos vencedores; e de Henrique Palavra, pelos vencidos).

Assim, na tabela final, a classificação foi esta: 1.º — Banco Pinto & Sotto Mayor (medalha de ouro). 2.º — Banco Português do Atlântico (medalha de prata). 3.º — Banco Fonsecas & Burnay (medalha de bronze). 4.º — Caixa Geral de Depósitos.

Refira-se que os jogos se realizaram no Campo da Vista-Alegre, sob arbitragem do sr. Martiniano Correia, que apenas **falhou** no desafio Banco Pinto & Sotto Mayor — Caixa Geral de Depósitos, dirigido pelo sr. Cândido Guimarães.

●

Depois desta prova, o quadro geral das medalhas atribuídas está assim ordenado:

Banco Português do Atlântico, 39 (10 de ouro, 27 de prata e 2 de bronze). Banco Pinto de Magalhães, 21 (10 de ouro, 1 de prata e 10 de bronze). Banco Fonsecas & Burnay, 16 (1 de ouro e 15 de bronze). Banco Pinto & Sotto Mayor, 15 (15 de ouro). Banco Nacional Ultramarino, 12 (2 de ouro e 10 de prata). Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, 11 (1 de prata e 10 de bronze). Caixa Geral de Depósitos, 2 (1 de ouro e 1 de prata). Banco da Agricultura, 1 de ouro. Montepio Geral, Banco Borges & Irmão e Banco de Angola, 1 de bronze cada.

●

Vão seguir-se, agora, a fase final da prova de andebol de sete, e as competições de futebol de s[...] natação.

CICLISMO

PROVA «ANIVERSÁRIO DO F. C. BOM-SUCESSO»

Como estava anunciado, realizou-se, na tarde de sábado, em organização da Associação de Ciclismo de Aveiro e num percurso de 95 kms., a **Prova «Aniversário do F. C. Bom-Sucesso»**. A competição alcançou assinalável sucesso, constituindo autêntico êxito popular e desportivo.

Alinharam à partida trinta e três ciclistas (seis seniores de 1.ª e vinte e sete juniores e seniores de 3.ª) e, depois de animado despique, apuraram-se as seguintes classificações:

SENIORES DE 1.ª

1.º — Flávio Henriques (Sangalhos) 2h 57m; 2.º — Carlos Conceição (Sangalhos) m.t. ;3.º — Páris Silva (Sangalhos) 2h 58m 15s; 4.º — Hercúlano Silva (União de Coimbra) m.t.; 5.º — José Bispo (Sangalhos) 3h 1m 45s; 6.º — Herculano de Oliveira (União de Coimbra) 3h 2m 5s.

JUNIORES E SENIORES DE 3.ª

1.º — Carlos Pires (Pontevel) 3h 1m 45s; 2.º — António Chibante (Arsol) m.t.; 3.º — António Relvão (Sheiko) m.t.; 4.º — José Rocha (Arsol) m.t. ;5.º — Adriano Pedro (União de Coimbra) 3h 2m 5s; 6.º — João Ribeiro (Sheiko) 3h 2m 50s; 7.º — Álvaro Correia (Arsol) 3h 4m 18s; 8.º — Joaquim Martins (Sheiko) 3h 11m 36s;

Continua na página 5

No Domingo, em Aveiro

BEIRA-MAR—VITÓRIA de SETÚBAL

Depois da pausa programada para o passado fim-de-semana, em que houve jogos da «Taça de Portugal» e desafios de carácter amistoso, o Campeonato Nacional da I Divisão volta a plano de grande evidência, já que se reata de novo, agora com os desafios referentes à sua 24.ª jornada.

Entra-se, portanto, na fase final e decisiva da competição — e com enorme interesse, em dois polos: no cimeiro, quanto ao título, que tudo leva a crer continue na posse do Benfica, apesar das esperanças ainda acalentadas pelo Sporting e pelo F. C. do Porto; e, no da retaguarda, onde há acesa luta pela fuga aos postos que implicam a despromoção (e em que se encontram envolvidas várias equipas: Atlético, BEIRA-MAR, Montijo, Portimonense, Leixões, Estoril — as mais ameaçadas — e ainda Vitória de Guimarães e Sporting de Braga — ainda não totalmente livres do espectro da descida de escalão...).

Dos oito jogos desta ronda, dois foram antecipados para sábado: Leixões - Boavista e Atlético - Braga — marcados para amanhã, às 16 horas. No domingo, também às 16 horas, completando a jornada, defrontam-se: Vitória de Guimarães - Benfica, Portimonense - Belenenses, BEIRA-MAR - Vitória de Setúbal, Montijo - Académico, Porto - - Estoril e Sporting - Varzim.

Uma jornada em cheio: o desafio BEIRA-MAR - Vitória de Setúbal, no «Mário Duarte», é o fulcro das naturais atenções dos aveirenses, dado que os auri-negros jogam, aí, cartada de enorme importância, com vista à sua ambicionada recuperação e, consequentemente, à subida na tabela classificativa.

Vai ser nova e decisiva final, para os beiramarenses, a quem somente serve um triunfo. A turma setubalense, em situação de tranquilidade, torna-se adversário mais perigoso

Continua na página 5

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 34 DO «TOTOBOLA»

24 de Abril de 1977

Jogo	Prognóstico
1 — **Varzim - Guimarães**	1
2 — **Benfica - Portimonense**	1
3 — **Belenenses - Leixões**	1
4 — **Boavista - Beira-Mar**	X
5 — **Setúbal - Montijo**	1
6 — **Académico - Porto**	2
7 — **Estoril - Atlético**	1
8 — **Braga - Sporting**	1
9 — **Fafe - Riopele**	1
10 — **Caldas - E. Portalegre**	1
11 — **Lusitano - Marítimo**	X
12 — **Sesimbra - Vasco da Gama**	2
13 — **U. Montemor - Cuf**	2

Litoral
DESPORTOS
SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO
AVEIRO, 15 - ABRIL - 1977
ANO XXIII — N.º 1156

PORTE